

**JOGOS DA PRIMAVERA DO ESTADO DE SERGIPE:
A ESPORTIVIZAÇÃO ENTRE A TRADIÇÃO
E O ESPETÁCULO (1964-1967)**

Prof. Ms. Hamilcar Silveira Dantas Junior

Universidade Federal de Sergipe/ Doutorando em Educação - LEPEL/FACED/UFBA

Recebido em 28 de março de 2007

Aprovado em 22 de abril de 2007

Resumo

Este trabalho analisa a 1ª fase dos Jogos da Primavera em Sergipe no período de 1964-1967. Parte do princípio que todos os setores da sociedade – políticos, educacionais e esportivos – apoiaram efusivamente sua realização. A adesão entusiástica da comunidade sergipana indica um contexto adequado à expansão do esporte devido à mediação entre tradição e espetáculo. As contradições materializadas historicamente revelam como o esporte ganhou corpo nos eventos educativos por sua expressão de modernidade. Conclui que a mídia desempenhou um papel fundamental na fabricação das imagens e do ideário dos Jogos revelando a necessidade histórica de compreendermos a mediação entre a prática social e o espetáculo.

Palavras-chave: Jogos da Primavera; História do Esporte; História da Educação Física.

Abstract

This paper analyzes the first stage of the Jogos da Primavera in Sergipe during the period between 1964 and 1967. It departs from the principle that all sectors of society – political, educational and sportive – supported enthusiastically its fulfillment. The eager recognition from the community of Sergipe indicates an adequate context to sports expansion due to mediation between tradition and spectacle. The historically materialized contradictions reveal how sports grew in educative events because of its expression of modernity. It concludes that the media performed a fundamental role in the image making and the inspirations of the Jogos showing the historical need to understand the mediation between the social practice and the spectacle.

Keywords: Spring games; sport history; physical education history.

Os dias de setembro e outubro ao longo da década de 1980, na cidade de Aracaju tinham um colorido especial. O aspecto sisudo do cotidiano alterava-se para dar passagem às cores e sons das escolas sergipanas, dar passagem aos anseios e desejos da comunidade

escolar sergipana que seriam aquecidos nas cerimônias e competições dos Jogos da Primavera do estado de Sergipe.

Os *Jogos da Primavera de Sergipe* (doravante referenciados como *Jogos*), é um evento esportivo institucionalizado que reunia em disputa as escolas das redes estadual, municipal e particular de ensino, sob a égide do conagraçamento e com objetivos "sócio-educativos". Dentro de um raio de dois quilômetros no centro do "quadrado de Pirro"¹, a juventude explodia em sua movimentação frenética na busca pelos palcos de disputas esportivas. Os ginásios Charles Moritz e Constâncio Vieira, os clubes Cotinguiba, Associação Atlética de Sergipe, Iate Clube de Aracaju, o Estádio Estadual Lourival Baptista, o Parque Aquático do Batistão e os ginásios de algumas escolas privadas eram os espaços aonde as competições de futebol, futebol de salão, basquetebol, handebol, voleibol, tênis, judô, ginásticas rítmica e artística, natação, pólo aquático, saltos ornamentais se desenrolavam, materializando as perspectivas e desejos construídos por professores, diretores, políticos, alunos e pais ao longo de todo o ano letivo.

Um evento apinhado de contradições, interesses legítimos, interesses difusos e interesses ocultos, no qual os sergipanos mergulhavam com ardor, mobilizando alterações nas suas rotinas escolar, familiar, política, econômica e cultural. Desse modo, todos os olhares voltavam-se para os *Jogos*, conformando a vida da cidade de Aracaju à sua realização. De maneira específica, os *Jogos* foram fundamentais à construção das concepções acerca de esporte e educação física em todo o estado estabelecendo, no âmbito da formação dos professores, uma visão dicotômica entre aqueles que os vislumbram como o ápice da educação física e aqueles que percebem uma série de problemas a reboque do evento, afetando o sistema educacional em sua totalidade.

Percebia que a gradativa penetração e predominância do esporte na escola apresentava alguns ecos políticos, econômicos e culturais que não se localizavam apenas no estado de

Sergipe, mas refletiam o recrudescimento do esporte universalizado na lógica da modernidade capitalista, suas determinações e oposições. Deste modo, busquei apreender os *Jogos da Primavera de Sergipe* como um objeto de estudo com recortes espacial e temporal próprios, inserindo-se na interseção entre história e memória, entre o que é fato e o que é representação do fato. A pesquisa se articula com a história de vida, tendo em vista que me encontro no "centro do processo", vivendo/atuando na história a partir de ângulos diferenciados de intervenção, o que me possibilita trafegar entre várias esferas de análise, levando-me à tentativa hodierna de desnudar suas contradições.

Nesse feixe de circunstâncias diversas, o objeto *Jogos da Primavera* enraíza-se na memória coletiva das últimas gerações, dentre as quais faço parte. Considero, a partir de Paul Connerton (1999), que as nossas experiências do presente dependem de nosso conhecimento e das imagens que trazemos do passado, transmitidos e conservados em performances mais ou menos rituais. Nesse enraizamento memorialístico, as cerimônias comemorativas e as práticas corporais são elementos centrais ao que o autor denomina de "sedimentação da memória social corporal". A educação, em sua forma escolar, e o esporte são práticas fundantes e solidificadoras dessa memória, e eventos como os *Jogos*, que imbricam os objetivos educacionais e a catarse esportiva, se consubstanciam no fulcro do conflito entre os interesses ditos e silenciados, mostrados e ocultos, os anseios externados e aprisionados. É neste processo que os homens se movem, num jogo entre regras e burlas, entre desejos, realizações e frustrações.

Dialogando com Maurice Halbwachs e o seu conceito de memória coletiva, Connerton afirma que:

toda recordação, por muito pessoal que possa ser, mesmo a de acontecimentos que só nós presenciamos, ou a de pensamentos e sentimentos que ficaram por exprimir, existe em relação com todo um conjunto de idéias que muitos outros possuem: com pessoas, lugares, datas, palavras, formas de linguagem, isto é, com toda a vida material e moral das

sociedades de que fazemos parte, ou das quais fizemos parte (Connerton 1999: 41).

Todavia alerta ao fato de que Halbwachs não percebe que é através das performances e cerimônias, com maior ou menor grau de ritualidade, que se transmite e conserva a memória social.

Os *Jogos*, com seus rituais de caracteres olímpicos, suas múltiplas manifestações corporais nos espaços escolares, esportivos e fora deles, transparecem, nesse contexto, uma seara aberta à investigação entre o proposto e o feito, o desejado e o realizado, entre o pensado e o acontecido. Constitui-se na base de mediação entre os avanços e retrocessos da educação física em Sergipe, ocultos no espaço entre os fatos e as representações, considerando que ambos são a história dos sujeitos que agem e representam, falam e silenciam, mostram e escondem.

Este trabalho é fruto dos estudos que vêm sendo desenvolvidos na elaboração de minha tese de doutoramento no seio do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer/Faculdade de Educação/Universidade Federal da Bahia (LEPEL/UFBA). Pretendo compreender o processo de constituição da esportivização da escola e a organização histórica da sociedade sergipana em torno de seu mais representativo evento esportivo-educacional, os *Jogos da Primavera*, realizados com algumas soluções de continuidade entre 1964 e 1995.

Nesse artigo, analisando especificamente o que denomino de Fase de Iniciação dos *Jogos* (1964-1967), busco ilustrar as tensões entre o preconizado pelo Estado (aqui aparelho burocrático de governo) e o realizado no cerne da sociedade civil, possibilitando fugir dos esquematismos que ora glorificam esses eventos, ora somente visualizam seus elementos perniciosos. Perspectivo, portanto, estabelecer uma leitura de mediação, considerando a história construída pelos homens frente aos limites de suas ações.

Considerando que a periodização dos *Jogos* se encerra no período que compreende a ditadura civil-militar (1964-1985) e a redemocratização nacional (1985-1995), estabeleço, de saída, um contraponto às leituras historiográficas correntes da educação física no Brasil acerca de sua esportivização. Nesse terreno tornou-se lugar comum localizar a predominância do esporte na educação física na década de 1960 por conta dos investimentos do governo ditatorial nesta área. O discurso sobre a tecnificação da educação e o da "pirâmide esportiva" que teria a escola como base, muito contribuiu para esta compreensão². Parto de alguns princípios que apontam direção contrária: primeiro, a análise do prescrito legalmente eclipsa a visualização dos sujeitos no reproduzir as leis, confrontá-las ou mesmo desconhecê-las; segundo, a esportivização da sociedade brasileira é um reflexo de sua tentativa de modernização, que remete a esforços empreendidos desde fins do século XIX; terceiro, que a segunda metade do século XX tornou-se um terreno fértil à universalização do esporte, dado que as relações sociais tendiam à espetacularização, sendo que nada havia de mais espetacular que a imagem esportiva.

Necessário ressaltar aqui, a distinção clara entre esporte e seu campo de inserção na escola, a educação física. Entendo educação física, conforme Coletivo de Autores (2002), como uma disciplina escolar que trata pedagogicamente os temas da cultura corporal, quais sejam, jogos, ginástica, dança, lutas, capoeira, esportes. A pedagogização desse conhecimento vital à formação da juventude, dado ser representativo da produção histórica dos homens, volta-se à apreensão da expressão corporal como linguagem. Por seu turno, o esporte se constitui numa produção histórico-cultural tendente à institucionalização com códigos, sentidos e significados próprios. No seu nascedouro, o esporte vinculou-se à educação física, nas *Public Schools* da Inglaterra na segunda metade do século XIX. Entretanto, o mesmo evoluiu adquirindo autonomia ao longo do século passado, mudando, paulatinamente, de um

conteúdo de ensino – algo a ser escolarizado – a um conteúdo exclusivo da educação física na escola, esportivizando-a.

O neologismo “esportivização” deriva do que Norbert Elias (1992) denomina de “desportivização” ou o processo mediante o qual os passatempos, divertimentos e jogos vão se convertendo em práticas institucionalizadas denominadas desportos exportados em escala global como avanço civilizatório. Utilizo o termo “esportivização” para designar a substancial passagem do esporte nas aulas de educação física de conteúdo escolarizado a conteúdo exclusivo, sendo gerador de uma nova forma de organizar o conhecimento, os espaços, tempos e relações sociais dentro e fora da escola.

Reconheço que diante da auto-evidência do esporte, dos anseios dos professores, dos interesses políticos e econômicos e da vontade da juventude no retorno e reafirmação dos *Jogos* (encerrados em 1995 e retomados em 2004), compreender a história pela lógica do processo, entendendo-a como em permanente construção, é *conditio sine qua non* para a construção de novas possibilidades de ação. Entendo que a pesquisa histórica tem por fundamento compreender as relações sociais que construíram as redes de sociabilidades e fortaleceram suas instituições, de modo a revelar a chave da multiplicidade dos debates, das novas construções sociais e dos projetos históricos.

Tomando por norte o primado da lógica histórica, conforme enunciado por Thompson (1981), em que o conhecimento histórico implica num movimento dialético em que as teses (conceitos/hipóteses) confrontam-se às antíteses (fontes e evidências objetivas e subjetivas), resultando numa síntese, o conhecimento histórico re-elaborado, as fontes do estudo serão os periódicos sergipanos do período e as representações impressas. Para tanto, busco a mediação entre Imprensa e Lei, a partir de Thompson (2005).

A imprensa incrusta-se no cotidiano como uma das expressões exatas de "exposição do mundo". Considerando a expansão mundial da educação na segunda metade do século XX,

a imprensa consolidou-se como a expressão manifesta de liberdade ao tempo que formatava a capacidade de percepção do real aos interesses dos distintos grupos que financiavam as redes de jornais diários, fossem conservadores ou socialistas, reacionários ou progressistas. Os jornais tornaram-se uma "arena de lutas e interesses". Ao Estado cabe o poder de legislar, delegar e executar as determinações que convirjam ao bem coletivo. Contudo, as tensões que se estabelecem para a consecução do bem comum refletem disputas pela hegemonia, construída no terreno do consenso. Neste sentido, a Imprensa, assim como a escola, desempenha um papel fundamental na consecução do ideário do Estado e/ou na oposição ao mesmo. O processo de esportivização da educação física caminhará, de mãos dadas, com esta tensão, se revelando patente em competições escolares como os *Jogos*.

A construção da espetacularização esportiva

O século XX revelou-se de extrema velocidade na sua organização social. As grandes cidades nacionais constituíram um processo de “metropolização”, de transição do espaço privado ao público. Analisando tal processo em São Paulo, denominando-o de “mobilização permanente”, Nicolau Sevcenko (2000) descortinou os hábitos de vivência social ativa, que denotam os anseios e vivacidades da modernidade, dentre eles com notoriedade, o esporte:

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito. Sob o epíteto genérico de "diversões", toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana: esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, saunas, ginástica sueca, ginástica olímpica,

ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade, toda semana (Sevcenko 2000: 33).

Este processo de vivência do público pela ação e movimento da população, moldando-se e moldando o espaço urbano, grassou em todo o país. Em Sergipe, demonstra-se o mesmo esforço de modernização social desde os albores do século XX. Almeida (2004) revela como as práticas esportivas passaram a configurar o espaço urbano, principalmente a capital Aracaju, através dos clubes náuticos e as regatas no estuário do Rio Sergipe, das corridas de cavalos e da criação de clubes desportivos representativos de diversos segmentos sociais (principalmente, o Clube Desportivo Feminino, em 1919).

Nesse diapasão, Dantas Junior (2003) demonstra outros esforços de esportivização da cidade a exemplo dos "Jogos de Verão do Município de Aracaju" que, em 1938 e 1939, reuniu, no principal balneário da cidade, diversas instituições militares, esportivas e escolares. A organização desse tipo de evento e o imbricamento entre esporte e escola, via educação física, desvelou um ideário de cultura física que, no embate entre distintas correntes pedagógicas, confluiu choques entre discursos higienistas, militaristas, pedagógicos e esportivizantes³. Portanto, o esporte vem marcando seu território no terreno escolar a muito mais tempo do que a leitura corrente vem apontando.

Analisando a evolução do esporte em Sergipe a partir da constituição de um clube de fábrica, Ribeiro (2005) desvela sua inserção social pela transmutação de valor em valor simbólico, da prática social para a prática fetichizada, do esporte popular ao espetáculo. Nesse sentido, a identificação da Associação Desportiva Confiança com as massas populares se deu pela oportunidade em se garantir a existência (o esporte como trabalho), sobretudo pela espetacularização capitaneada pela mídia impressa e radiofônica via Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe (ACES), grupo de jornalistas que se centralizava nos jornais de maior circulação da cidade.

O processo de incorporação, recriação e vivência dessas práticas assenta-se em tradições. A princípio, as tradições parecem antigas e imemoriais, porém são, em larga medida, recentes e inventadas. Hobsbawm define "tradições inventadas" como

...um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (Hobsbawm 2002a: 9).

Tais tradições têm por função garantir coesão social, legitimar instituições, status e relações de autoridade, sobretudo socializar imagens unificadoras, especialmente em cerimônias, espaços e símbolos públicos, além das práticas corporais socialmente aceitas e reconhecidas. A escola e o esporte com suas características e rituais que remetem às tradições têm essas funções, principalmente por se comunicarem e abarcarem a juventude em seus seios.

Todavia, o enraizamento das tradições, a partir do advento dos meios de comunicação de massa, passa a ser incorporado a outra lógica de organização da vida social, o espetáculo. Segundo Debord (1997), as relações sociais tendem a serem mediadas por imagens que, via fetiche, se revelam tão-somente a cristalização do capital.

A franca esportivização e a ocupação do espaço público assentaram-se no imaginário social. Na década de 1960, sem televisão, as rádios e os jornais capitanearam essa empreitada de "espetacularizar" as tradições, inserindo, atualizando e criando expectativas nos sujeitos com os grandes eventos, notadamente os esportivos.

Nessa escalada esportiva – da tradição rumo à espetacularização – ganha relevo a iniciativa, no Rio de Janeiro através do *Jornal dos Sports*, do jornalista Mário Filho em realizar a partir de 1949, os "Jogos da Primavera". Esse evento para mulheres esportistas reunia os grandes clubes e as grandes escolas da cidade em verdadeiras maratonas olímpicas.

Para Boccardo (1998), esse evento solidificou o esporte como movimento social, marcando um processo de democratização desta prática para a mulher e tornando a mídia esportiva a principal impulsionadora do esporte. Os Jogos da Primavera do Rio de Janeiro seriam a grande fonte inspiradora para Sergipe.

Os Jogos da Primavera em Sergipe: o Período da Iniciação (1964-1967)

Os *Jogos* têm habitado o imaginário dos professores e da sociedade em geral como a representação franca da vivacidade, talento e nacionalidade da juventude sergipana. Diante de sua larga representação, parto da hipótese de poder classificá-lo em três fases as quais, metaforicamente – afinal falamos de esporte – denomino de: Iniciação, Aperfeiçoamento e Treinamento. O período que se estende de 1964 a 1967 e compreende as quatro primeiras edições dos *Jogos*, denominei de “Período de Iniciação”, pois revelam-se os primeiros contatos com uma organização que envolve múltiplos fatores econômicos, sociais, políticos e culturais, de base tradicional, mas já com um trato similar às organizações esportivas de caráter institucionalizado⁴. Em tal período, ambientado no calor do Golpe Militar que havia solapado o processo democrático nacional em 31 de março de 1964, as tensões existiam no âmbito de simples eventos esportivo-educacionais como os *Jogos* nos quais, ao contrário da leitura corrente, sua instrumentalização ideológica não arrefeceu os conflitos locais. As tensões existiram e ainda que não fossem contestações ao regime político de modo declarado refletiam a inquietude cultural nacional.

O surgimento dos *Jogos* foi de caráter oficial, ou seja, partiu de uma iniciativa do Governo do estado de Sergipe, via Secretaria de Educação e Cultura (SEC) e seu Secretário Interino Bel. Curt Vieira em conjunto com a Federação Atlética dos Estudantes de Sergipe (FAES), entidade responsável pela administração das atividades esportivas dos universitários, na figura de seu Presidente Raymundo Monte e de José Carlos Marques, professor paulista de

educação física contratado pelo Governo para incrementar esta atividade escolar no estado no ano de 1963.

Conforme atestara Hobsbawm (2002b), as tradições podem se dividir em "oficiais" ou "políticas", orquestradas pelo Estado, e "não oficiais" ou "sociais", engendradas por grupos sociais sem formatação política definida. Tais distinções são mais de conveniência que de princípios. Ainda que o *Jornal dos Sports* não tivesse vínculos políticos, a materialização dos "Jogos da Primavera" consubstanciou tentativas de inserção, coesão e construção de identidades, instituindo uma nova relação social com o Estado e a sociedade civil. Isto posto, os "Jogos da Primavera" no Rio de Janeiro pode ser categorizado como uma "tradição social", ao passo que, em Sergipe, sua incorporação pelo Estado tornou nossa versão dos *Jogos* uma "tradição oficial", ainda que aparentemente, que se perpetuou.

Como tradição oficial, esse evento, que envolveria as escolas superiores e secundárias da capital sergipana, tinha como objetivo os fundamentos da coesão social pelo esporte. Segundo o professor José Carlos Marques, os *Jogos* objetivavam “criar uma nova mentalidade de participação na vida social, incrementando o gosto pela competição e pelo desenvolvimento físico-mental da juventude” (Regulamento... 1 set. 1964: 1).

O fato de originar-se em 1964, ano de início do regime de exceção, poderia produzir uma análise de alinhamento automático entre os interesses da ditadura e os eventos esportivos. Todavia, ainda que de iniciativa estatal, o modelo e objetivo dos *Jogos* foram mesmo originários do evento homônimo organizado pelo *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro, com o mesmo espírito de integração e estímulo ao esporte da juventude.

A imprensa sergipana acatou o entendimento da propositura dos *Jogos*, conforme seu congênere do Rio de Janeiro, numa dimensão híbrida – política e social –, atestando que os "Jogos da Primavera" do *Jornal dos Sport*: "objetiva estimular a prática desportiva

despertando-lhe o gosto pelas salutares e educacionais atividades do desporto. (...) Contribuir em favor do preparo físico da mocidade feminina do Brasil" (O que são os... 4 set. 1964: 5).

Tal vínculo também transparece na homenagem póstuma a Mário Filho quando da abertura da III edição dos *Jogos* em Sergipe, no dia 17 de setembro de 1966, no Estádio de Aracaju, em que no momento de acendimento da Pira Olímpica e de juramento do atleta é consagrado um minuto de silêncio em sua memória. Afora os intelectuais e os aficionados letrados por esporte, a maioria presente ao estádio sequer conhecera Mário Filho ou lera algum de seus textos. Não obstante, seu nome ficaria marcado de modo perene como benemérito do esporte e um brasileiro preocupado em atuar pelo desenvolvimento da juventude nacional.

As três primeiras edições dos *Jogos* reuniram as cinco escolas superiores do estado e escolas estaduais, federais e particulares situadas na capital. Diante desse grupo, entendo que nessa fase solidifica-se o imaginário social em torno da representação do esporte. O desfile de abertura pelas ruas do centro da cidade ou no Estádio de Aracaju, com carros alegóricos, tocha olímpica, juramento do atleta, e Comissão Julgadora da mais bela exposição escolar no desfile são ilustrativos desse momento⁵.

A concepção de esporte e sua relevância social, principalmente na formação da juventude, são os elementos fundamentais, expostos em matéria da *Gazeta de Sergipe*:

É o primeiro grande acontecimento esportivo estudantil a ser realizado no estado, onde nossa juventude terá a oportunidade de demonstrar que no esporte também há cultura, há desenvolvimento de uma raça, futuro e esperança do nosso Brasil. E poucos eram os que acreditavam na sua realização. Mas, para os pessimistas, fica registrado um esforço e uma vontade sobrenatural de um forçoso desenvolvimento, contingência obrigatória de uma raça forte, esportiva, estudiosa. E um povo que pratica esporte é um povo civilizado (Desfile... 4 out. 1964: 5).

Os *Jogos*, nesta fase, foram realizados com esforços de vários segmentos da comunidade aracajuana, ratificando seu caráter híbrido no âmbito das tradições. O Governo do estado deu total apoio à sua realização cedendo os espaços para sua realização,

organizando o desfile de abertura e inscrevendo escolas secundárias da rede estadual. A imprensa oferecia ampla cobertura nos impressos e nas Rádios. As casas comerciais e prefeituras municipais apressaram-se em oferecer troféus e medalhas aos competidores.

A representação em torno dos *Jogos*, portanto, era multifacetada. No âmbito da imprensa, impressa e radiofônica, o apoio era total, revelando suas conexões e tensões. No que tange às conexões, os jornais informavam periodicamente os preparativos, o desenrolar das cerimônias e, principalmente, o resultado das competições e as polêmicas envolvidas em seu entorno, através de seus textos e imagens. As Rádios também transmitiam em seus noticiários e boletins os resultados e as mudanças no quadro de medalhas. Por outro lado, a formação das Comissões Organizadoras sempre possuía em sua composição membros da ACES.

Entretanto, a participação dos jornalistas nas comissões referendava preferências políticas que se transmutavam em disputas pela representatividade social e aceitação por parte do público-alvo preferencial, a classe média letrada. Essas disputas produziram denúncias de favoritismo e privilégio a emissoras de rádio por parte de um notório cronista esportivo local, Wellington Elias. De modo mais contundente, esse jornalista desafia as próprias autoridades organizadoras do evento numa crônica:

a Secretaria de Educação deveria dividir a responsabilidade de organização dos Jogos com a imprensa, criando um “setor de divulgação”. Não é crível que os Organizadores pensem apenas em termos pessoais, esperando da imprensa as sonhadas louvações. Os Jogos são mais dos estudantes e menos das autoridades (Elias 29 set. 1967: 4).

A imprensa, portanto, também assumiu sua face tencionadora. Apoiava os *Jogos*, mas sua volatilidade poderia fazê-la criticar os mesmos, atacando o Estado sob o discurso da defesa dos “interesses da sociedade”. Tornou-se notória a crítica à realização dos *Jogos* em 1967, que saíam de no máximo 15 dias para um mês de evento, realizado todos os fins de semana:

Além de esporte, a juventude sergipana precisa realmente de estudo. O período proposto nos parece longo demais, além de o campeonato se encerrar às vésperas das provas. É sabido que nos dias dos "Jogos", oitenta por cento dos alunos abandonam as escolas e vai aos estádios torcer pelos seus quadros. Do modo proposto, não haveria mais aula nos fins de semana. E o estudante sergipano anda tão carente de aulas... A Comissão Organizadora deveria estudar mais detalhadamente este assunto. Que se dê ao estudante um número ilimitado de competições esportivas. Mas que essas competições esportivas atrapalhem o bom andamento dos estudos, isto é o que está errado (Jogos da... 4 jul. 1967: 5).

O fato é que os *Jogos* de 1967 foram realizados como nas edições anteriores, em quinze dias desta feita no mês de outubro, não conforme desejava a SEC. Afirmar que tal fato se deu por acatar a crítica da imprensa seria forçoso, todavia é certo que a mesma reforçou socialmente seu papel de crítica ao *establishment*.

Por outro lado, à imprensa cabia um papel de construção, conjunto aos professores, estudantes e dirigentes, de ampliar o acervo cultural da população acerca das práticas esportivas. O professor José Carlos Marques assina, então, dois artigos intitulados: “Jogos Olímpicos antigos” e “O esporte como meio de educação”, destacando os valores positivos representados nas Olimpíadas da Antiguidade clássica, denotando seu relevo na formação do homem. Segundo o mesmo, as Olimpíadas são o modelo a ser seguido na formação do caráter da juventude:

a própria atitude dos atletas ao entrarem na pista, conservando-se em posição erecta, viril e bela, pareciam demonstrar a imitação das ascendências do sol. Desse conjunto bem formado, de um lado a atitude do atleta, e de outro a beleza panorâmica do Estádio, coroado por um céu limpo e brilhante, nasceu a mais bela Escola de Educação Cívica, Moral e Física que até hoje o mundo conheceu (Marques 11 set. 1964: 5).

Tomando por modelo essa representação pungente e poética, as representações sociais concretas tendiam a revelar uma aproximação, a cada nova edição, ao esporte institucionalizado, principalmente nos moldes olímpicos. Distante do lirismo de José Carlos Marques, os jornalistas entravam em rota de colisão uns com os outros no sentido de

demarcarem seus espaços e conquistarem a preferência de seus leitores ou ouvintes. A cultura esportiva era, então, reivindicada como elemento fulcral de reconhecimento social. Na *Gazeta de Sergipe*, um jornalista asseverava um colega da rádio com sarcasmo e ironia: "bom mesmo é um locutor de uma nossa emissora. Nos jogos de voleibol ele diz que o quadro X vence por 13 tentos a ... e no basquetebol não fica por menos: o time tal marcou 20 'goals', e na cobrança de lance livre, o juiz marcou 'penalty'. É muita 'CULTURA'" (O riso jogando... 8 out. 1964: 5).

Os embates políticos entre Estado e imprensa materializavam-se, sobretudo, na formação das comissões, nos desfiles, nos patrocínios e estratégias de reconhecimento social através dos *Jogos*. As Comissões de Organização, que em 1964 reunia a SEC e a FAES, além do jornalista Luiz Carlos Feitosa, passaram a incorporar nos anos seguintes representantes da ACES, da Federação Sergipana de Desportos (FSD), incluindo somente na quarta edição, em 1967, a professora Marlene Chagas para representar os colégios secundários. A participação dos professores era limitada ao seu papel escolar, jamais administrativo e organizativo.

As escolas percebiam, por conseguinte, o terreno fértil que se abria à promoção de suas hostes, através da vinculação ao ideário político, às tradições "olímpicas" e à utilização da imprensa. O campo imagético fundamental era estes desfiles. Os desfiles majestosos apresentavam passagem da tocha e acendimento da pira olímpica com juramento do atleta, primando por temáticas variadas, e geralmente não esportivas, em carros alegóricos: homenagem aos povos indígenas, aos gregos, aos Jogos de Olímpia, aos Jogos do Egito antigo. Essa profusão de temáticas gerou protestos em 1967: os Colégios Tobias Barreto e Jackson de Figueiredo manifestaram-se contrários à obrigatoriedade do desfile devido ao custo das despesas recaírem sobre os pais dos alunos, por seu turno o Colégio Estadual de Sergipe (CES) e a Escola Normal propuseram o fim dos carros alegóricos pois retiravam as características esportivas do evento, imputando-lhes faces carnavalescas.

Uma notável participação, misto da tradição e do espetáculo, foi a da professora Maria Augusta Lobão Moreira, diretora do CES à época das duas primeiras edições dos *Jogos*. Primeiro vinculando-se ao ideário político do momento, ao publicar matéria na *Gazeta de Sergipe* justificando a opção por tematizar a Organização do Estados Americanos (OEA) no desfile dos *II Jogos da Primavera*:

Poderia, como no ano passado, apresentar ao público aracajuano alegorias baseadas em fatos e costumes da antiguidade clássica. Reviver o mundo sob o qual se ergue a civilização ocidental. Acontece que o Brasil atravessa uma fase de recuperação política, fundamentada nos sãos princípios da unidade das Américas, e agora, mais do que nunca, deve a mocidade integrar-se na consciência e homogeneidade do destino histórico do mundo americano. Razão porque, nos II Jogos da Primavera, o Colégio Estadual de Sergipe procurou fixar-se num dos pontos cardeais da nossa hegemonia continental: na Organização dos Estados Americanos. Nela se firma a segurança da unidade espiritual e política do Novo Mundo. O futuro dos povos irmãos. A felicidade da família brasileira" (Moreira 19 set. 1965: 2).

Ressalte-se que o vínculo ao ideário político devia-se ao fato que a OEA, ao excluir Cuba de sua representação, revelou-se tão-somente uma estratégia política de uniformização das Américas ao capitalismo internacionalista proposto pelos Estados Unidos, que já havia patrocinado o golpe militar de 31 de março de 1964.

Em contrapartida, a Prof^a Maria Augusta Moreira assumiu uma postura corajosa após o desfile de abertura e, novamente nas páginas da *Gazeta de Sergipe*, afrontou a organização dos *Jogos*, por conseguinte o Estado. Sentindo que sua escola havia sido prejudicada no julgamento do desfile de abertura, pois as escolas haviam extrapolado o tempo limite de evolução da balizas à frente do palanque oficial com a anuência da Organização, ao passo que o CES havia sido rigoroso com o horário, toma uma atitude radical: publica uma nota oficial informando da não participação do CES nos *Jogos*, devido ao não respeito às regras estabelecidas que, sendo burladas no desfile, corria-se o risco do mesmo acontecer nas competições (Moreira 22 set. 1965: 4).

A reação da SEC é imediata. O CES é confirmado na disputa dos *Jogos*, o prof. Barbosa Sobrinho é indicado interventor do colégio para restabelecer a ordem, dois dias após a nota e a prof.^a Rosália Bispo dos Santos é nomeada Diretora em 3 de outubro. Abalar as estruturas de um evento social como os *Jogos* pela via da retaliação do mais importante colégio do estado jamais passaria incólume pelo governo de exceção. Não obstante, a postura da Diretora revela, sem julgamento do mérito, o reivindicar de uma base tradicional, qual seja, a crença no discurso democrático da igualdade de direitos, bem como o executar de uma “crítica espetacular” ao afrontar a estrutura de poder por dentro dela.

A instituição de medalhas e troféus abriu passagem para o estímulo ao patrocínio público e privado aos *Jogos*. Do ponto de partida político, as Prefeituras de Aracaju, Estância, Lagarto, Nossa Senhora do Socorro e Japoatã ofertaram medalhas, enquanto no setor esportivo, contribuíram a ACES e a Federação Sergipana de Futebol de Salão (FSFS). Os troféus foram ofertados por empresas privadas do estado: a Dernler Cri, a Queiroz & Cia. e A Moda. Esta última ofertara, em 1964, um troféu de 1,20 m. de altura que ficaria exposto em sua vitrine no centro da capital no decurso de realização dos *Jogos*. De igual modo, instituiu que este troféu seria entregue, definitivamente, ao estabelecimento de ensino que vencesse os *Jogos* em três vezes seguidas ou cinco alternadas. O Colégio Tobias Barreto, instituição de ensino tradicional do estado, à época de caráter privado, vence pela terceira vez os *Jogos* em 1967 e toma posse definitiva do troféu. Ressalte-se que a proposição possuía certa semelhança com a tradição criada na instituição da Taça Jules Rimet, a Copa do Mundo de Futebol, que seria conquistada de modo definitivo pela seleção brasileira no tri-campeonato do México em 1970.

Outro elemento clássico de uma processual institucionalização esportiva foi a emissão de selos comemorativos. A exemplo dos Jogos da Primavera no Rio de Janeiro, que desde a década de 1950 foram representados pela Empresa de Correios e Telégrafos em selos postais

oficiais, a Comissão Organizadora dos *Jogos* instituiu a venda de selos comemorativos ilustrando a Tocha e as Argolas Olímpicas nas cores branca, vermelha e amarela.

Os elementos expostos refletem um movimento internacional de modernização social. Uma cidade moderna precisava “mover-se”, e nada mais “movimentado” que confluir amplas camadas da população aos espaços de disputas esportivas. Nesse sentido, os desfiles, troféus e medalhas, selos comemorativos, bandeiras exortativas da nação, do estado e das federações revelam uma tendência às relações sociais de base tradicional, cada vez mais mediadas por imagens. Os selos com comemorações esportivas denotam uma marca de fixação de tradições, pois conforme Hobsbawm (2002b), ilustram no maior símbolo de circulação pública, depois do dinheiro, uma sociedade esportivizada.

Com efeito, entendo que as imagens então em curso na cidade referendam algumas bases das tradições, nos seus fundamentos de coesão social, assim como revelam uma progressiva assunção das teses da sociedade do espetáculo. Primeiro, o espetáculo é a própria sociedade que, via imagem unificada, mascara uma separação generalizada, haja vista que a participação nos *Jogos* incluía somente escolas do centro, limitando a participação de setores populacionais geograficamente periféricos, além da já materializada seleção interna dos “atletas” nas escolas. Segundo, o espetáculo tende a estar em toda parte, até nas casas da periferia ligadas ao centro pela dinâmica das transmissões radiofônicas, provocando com isso a necessidade de estar onde *se vê* e *se é visto*, o espaço de circulação das imagens. Terceiro, a vivacidade esportiva manifesta-se no ser jovem e revelam o dinamismo da sociedade do capital, posto que tudo deve ser consumido, os produtos das lojas patrocinadoras, as imagens em tela e até mesmo a gestualidade e materialidade corporal dos atletas⁶, referendando o que Haug (1997) denomina de “fetichização da juventude”, uma nova dimensão estética em que se descarta o “velho” para se consumir o “novo”.

Ainda que escudado em tradições e com influências do espetáculo, as relações de coesão e dominação social não representam uma via de mão única, como também o Estado de exceção do período poderia fazer crer, mas denotam disputas pelo poder – aqui se entenda estar na “cena” onde os papéis centrais são “representados”. Os sujeitos recebem influência do Estado e das instituições, porém criam seus mecanismos peculiares para permanecerem no centro das ações, perfazendo o que Thompson (2004) refere como sendo aspirações válidas nos termos de suas próprias experiências. Diante dos momentos de conflito social, ainda que os *Jogos* representassem a harmonia pelo congraçamento, os homens construíram suas possibilidades de existência na cena histórica.

Nessa primeira fase dos *Jogos*, três conjuntos de fatos são ilustrativos das tensões do momento: primeiro, a ação coercitiva do Estado, exposta na ação contra a prof.^a Maria Augusta Lobão Moreira; segundo, sua ação restritiva pela via do legalismo e as tomadas de posição em resistência; terceiro, as lutas internas dos sujeitos para permanecerem em evidência.

No que tange à ação restritiva legalista, a SEC instituía regras e normas para os *Jogos* e Tribunais de Justiça para julgar recursos. Tendo em vista que as escolas adequaram-se, como via de reconhecimento social, aos moldes olímpicos, portaram-se, então, como instituições esportivas: os diretores como “cartolas”, os professores como treinadores e os alunos como atletas. As denúncias de irregularidades tornaram-se constantes e os diretores de escola passaram a travar batalhas judiciais. Músicos profissionais contratados para se passarem por alunos e tocarem na banda da escola por ocasião dos desfiles. Recursos contra atletas profissionais disputando os *Jogos*, ainda que os mesmos fossem, realmente, alunos da escola, caso de Wellington Coutinho, do Colégio Agrícola, atleta do América F. C. e Raimundo Vieira, do CES, atleta do Cotinguiba E. C., em 1967. Recursos contra a

participação de alunos com média escolar insuficiente, a exemplo de Luiz Aragão, do CES, impedido de participar por sua média ser abaixo de 4,0.

Tais questões tão-somente ratificam a tendência à institucionalização esportiva no seio escolar. Como esperar que as escolas aceitassem “ideais olímpicos” amadorísticos, se nem os Jogos Olímpicos os expressavam mais? Na busca pelo espaço no cenário social armado pelo “espetáculo”, os sujeitos tendem a estabelecer mecanismos de burlar as regras e participar do “show”. Nesse sentido, as tentativas de participação por parte dos alunos e dos professores em reforçar suas equipes se legitimam, pois como lidar com o descompasso entre a produção da existência e o sistema educacional que abriga alunos que trabalham, inclusive como atletas? Eliminando-os dos “eventos de conagraçamento”? Como lidar com alunos que distanciam rendimento escolar de rendimento esportivo? Excluindo-os de ambos sob a promessa de que se dedicando aos estudos (o momento penoso) poderá desfrutar dos *Jogos* (o momento lúdico)? As contradições estavam postas, os limites oficiais fixados, todavia os homens atuavam e burlavam as tradições e normatizações, perfazendo-se sujeitos construtores *da* história, não elementos levados *pela* história.

O terceiro aspecto ilustra a necessidade de manter-se em evidência. Por ocasião da 4ª edição dos *Jogos* que limitou a participação às escolas secundárias, Raymundo Monte, Presidente da FAES, é aliado da Comissão Organizadora. A reação da instituição é desafiadora e ilustrativa: realiza, de 20 a 30 de outubro, mesmo período dos *Jogos*, os "I Jogos Universitários de Sergipe", obtendo grande destaque nos jornais, inclusive com crônica de Wellington Elias que reclamava da exclusão do Presidente da FAES dos *Jogos* e a iniciativa tomada: “creio que a Universidade há de forjar a maturidade do nosso estudante superior, não só o cultivo dos problemas sociais e políticos, mas inclusive, na seara esportiva” (Elias 21 out. 1967: 4).

Entendo que, tal medida não pode ser vista como meramente esportiva. Resulta na tentativa precípua de “marcar território”, estabelecer o confronto com os eventos espetaculares com a construção de outros, amparando-se em tradições inventadas e consolidadas. Denota o que Debord (1997) reporta como “unidade e divisão na aparência”, ou seja, o esfacelamento e oposição aqui em tela não refletem rupturas, mas *flashes* da mesma imagem, a necessidade de “se fazer ver”.

As contradições e tensões que marcaram os *Jogos* denotam que as análises automáticas, vinculadoras das determinações estatais, perspectivas da imprensa e ações dos sujeitos, sejam professores e alunos, não condizem com o processo histórico em seu curso. Os *Jogos* configuraram-se como uma "tradição", híbrida entre o político e social, que, nesta primeira fase, se mostrou como um espaço de consecução dos interesses de coesão social através do esporte por parte do Estado, de reconhecimento social por parte da imprensa e dos diretores de escola, de capitalização dos mesmos por parte de estabelecimentos comerciais, mas sobretudo, um espaço da atividade dos professores de educação física na busca de sua legitimidade escolar e social, bem como de manifestação da juventude para se inserir socialmente. A carga de tradições em que o esporte se amparou, tendeu a crescer e legitimar uma crescente espetacularização da sociedade e da escola que iria se acirrar nas demais fases dos *Jogos*, ao longo das décadas seguintes.

Referências:

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. 2004. *Práticas esportivas em Aracaju no início do século XX: um estudo sobre a participação da mulher*. Monografia de Conclusão da Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe.

ALMEIDA, Milton José de. 2001. "A liturgia olímpica". In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados: 79-108.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. 1993. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. 10. ed. Petrópolis: Vozes.

BOCCARDO, Ludmila Mourão. 1998. *Representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização*. Tese de Doutorado em Educação Física, Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

COLETIVO DE AUTORES. 1992. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez.

CONNERTON, Paul. 1999. *Como as sociedades recordam*. 2. ed. Oeiras: Celta.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. 2003. *Estado, Educação e Hegemonia: reflexos da Pedagogia Experimental na Educação Física em Sergipe (1947-1951)*. Dissertação de Mestrado em Educação, Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe.

DEBORD, Guy. 1997. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

"DESFILE inaugural dos I Jogos da Primavera: festa do futuro". 1964. *Gazeta de Sergipe*, 4 out.: 5.

ELIAS, Norbert. 1992. "A gênese do desporto: um problema sociológico". In: _____. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel: 187-221.

ELIAS, Wellington. 1967. "De Primeira". *Gazeta de Sergipe*, 29 set.: 4.

_____. 1967. "I Jogos Universitários". *Gazeta de Sergipe*, 21 out: 4.

HAUG, Wolfgang Fritz. 1997. *Crítica da estética da mercadoria*. São Paulo: UNESP.

HOBBSAWM, Eric. 2002a. "Introdução: a invenção das tradições". In: _____ e RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 9-23.

_____. 2002b. "A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914". In: _____ e RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 271-316.

"JOGOS da Primavera". 1967. *Gazeta de Sergipe*, 4 jul.: 5.

MARQUES, José Carlos. 1964. "Jogos Olímpicos antigos". *Gazeta de Sergipe*, 9 set.: 5.

_____. 1964. "O esporte como meio de educação". *Gazeta de Sergipe*, 11 set.: 5.

MELO, Victor Andrade de. 2005. "Jogos Olímpicos e Arte: Olympia". In: _____ e PERES, Fábio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora SENAC: 53-64.

MOREIRA, Maria Augusta Lobão. 1965. "Colégio Estadual de Sergipe: II Jogos da Primavera". *Gazeta de Sergipe*, 19 set.: 2.

_____. 1965. "COLÉGIO Estadual de Sergipe: Nota de Esclarecimento". 1965. *Gazeta de Sergipe*, 22 set.: 4.

"O que são os 'Jogos da Primavera'". 1964. *Gazeta de Sergipe*, 4 set.: 5.

"O riso jogando na 'Primavera'". 1964. *Gazeta de Sergipe*, 8 out.: 5.

"REGULAMENTO dos Jogos da Primavera". 1964. *Gazeta de Sergipe*, 1 set.: 1.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski. 2005. *Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo: tecendo os fios da história de um "casamento feliz"*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Curso de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina.

RIDENTE, Marcelo. 2000. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record.

SEVCENKO, Nicolau. 2000. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. 2003. *Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco.

THOMPSON, Edward Palmer. 1981. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 2004. *A formação da classe operária inglesa*. v. 1. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. 2005. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras.

Dados do Autor:

Prof. Assistente - Universidade Federal de Sergipe

Mestre em Educação (UFS)

Doutorando em Educação (UFBA)

Vice-coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Estado de Sergipe" (NPSE/UFS)

Membro do Grupo de Pesquisa "História Popular do Nordeste" (DHI/UFS)

Artigos Publicados: Revista Motrivivência; Revista HISTEDBR On-Line; Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe;

Comunicações apresentadas: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"; Congresso Luso-brasileiro de História da Educação; Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança.

Endereço: Av. Tancredo Neves, 3710, Edifício Cerejeiras, Bloco T, Apto. 102. Bairro Jabotiana. Aracaju-SE. CEP: 49097-510. e-mail: hamilcarj@bol.com.br

Notas

¹ A cidade de Aracaju foi projetada em 1854 com ruas em linhas retas e cruzamentos a cada 100 metros pelo engenheiro Sebastião José Basílio Pirro, perfazendo a figura de um imenso tabuleiro de xadrez, adjetivado para posteridade de "quadrado de Pirro".

² A notável exceção deste tipo de análise é a Tese de Doutorado de Marcus Aurélio Tabora de Oliveira (2003) que, ao tratar das ações implementadas na Educação Física ao longo da ditadura, privilegiou a compreensão das tensões entre a adesão dos professores ao proposto e suas tentativas e manobras de resistência, bem como a percepção da legitimidade dos professores no curso de suas experiências sociais.

³ Entendo, portanto, que na história, na ação e experiência humana, no que toca à Educação Física, converte-se em etapismo compreender a seqüência das idéias: higiênicas, militares e esportivas. Na sua materialização prática, tais idéias sempre co-existiram e continuam a grassar tensões na contemporaneidade.

⁴ Institucionalização é colocada aqui nos termos conceituados por Berger e Luckmann (1993), ou seja, toda atividade humana que sujeita a freqüente reprodução configura-se em Hábito, conservando o caráter significativo para os indivíduos, mas implicando em rotinas com alívio de sobrecargas existenciais. Dessa forma, toda institucionalização implica em historicidade e controle. Um produto humano torna-se institucionalizado quando está sob controle social, daí que o Esporte enquanto produto humano é, em si, uma Instituição. A questão que se impõe aqui é verificar o grau de autonomia da escola, enquanto instituição educacional, frente à instituição esportiva.

⁵ Ressalte-se que os elementos que revelam os caracteres olímpicos, tais como o fogo sagrado trazido desde Olímpia na Grécia, a tocha olímpica, o acendimento da pira não se remetem aos Jogos da Antiguidade. Tais características são "tradições inventadas" na modernidade, mais precisamente para os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 e que foram imagética e esteticamente eternizadas pelas lentes de Leni Riefenstahl no filme "Olympia", conforme atestam Almeida (2002) e Melo (2005). Desde então, a cada quatro anos nas Olimpíadas, as cerimônias se aperfeiçoam e continuam a reproduzir sua aura sagrada "inventada", repercutindo nos torneios escolares.

⁶ Ressalto que ao falar da sociedade do capital e de um movimento internacional espetacular não estou excluindo as sociedades do socialismo então existente, pois segundo Debord (1997), o "espetacular concentrado" dominava esses países de "capitalismo burocrático", onde a imagem/mercadoria era controlada pelo Estado, inclusive a imagem esportiva que reflete no "culto à personalidade" do atleta, o próprio Estado centralizador. Os Jogos Olímpicos foram campo fértil a este modelo de espetáculo.